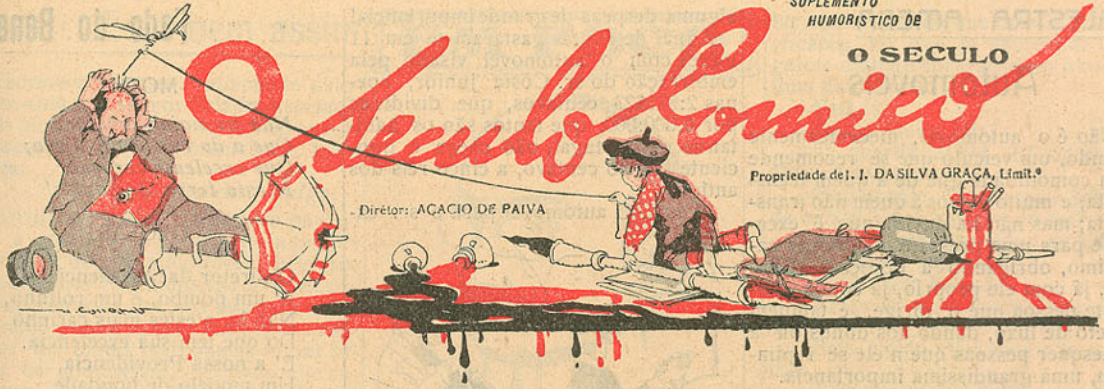


SUPLEMENTO HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lfmit.º

Director: AÇACIO DE PAIVA

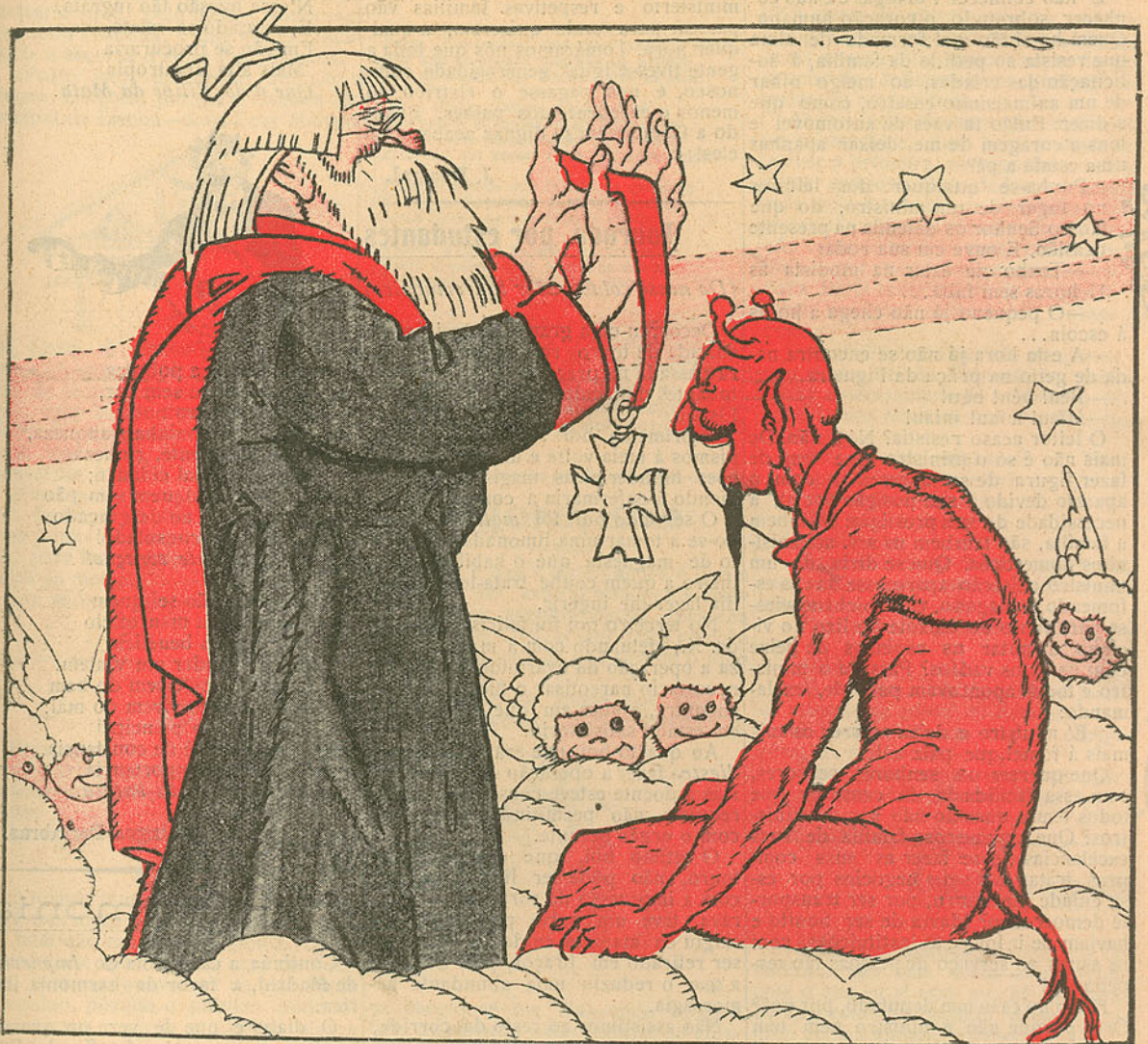


Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Nas regiões celestes

(Pagina simbólica)



A reconciliação

PALESTRA AMENA

Automoveis

Não é o automovel, mecanicamente falando, um veiculo que se recomenda pela comodidade que dê a quem transporta, e muito menos a quem não transporta; mas não ha duvida que é excelente para uma pressa e que, sendo carissimo, obrigando a despezas elevadas, já com ele proprio, já com a eminente pessoa que o dirige, é tambem objeto de luxo, dando aos donos ou a quaesquer pessoas que n'ele se repim-pam, uma grandissima importancia.

Sendo assim—e atire-nos a primeira pedra o que não gostar de andar de automovel—porque se condena que as familias, criadas, cães, gatos e mais parentes e aderentes dos srs. ministros se sirvam dos automoveis do Estado, os quais se supõe, por errada compreensão, que só deveriam ser occupados pelos ministros, quando em serviço do Estado?

E' não conhecer Portugal e é não conhecer, sobretudo, o coração humano. Quem ha aí tão mal formado de alma que resista ao pedido da familia, á solicitação das criadas, ao meigo olhar de um animalsinho caseiro, como que a dizer: Então tu vaes de automovel e tens a coragem de me deixar apanhar uma estafa a pé?

Ponha-se qualquer dos leitores no lugar de um ministro, do que Nosso Senhor os defenda na presente ocasião. E ouve em sua roda:

—Tenho de estar na modista ás 11 horas sem falta...

—O pequeno já não chega a horas á escola...

—A esta hora já não se encontra nada de geito na praça da Figueira...

—Béu! béu! béu!

—Miau! miau! miau!

O leitor acaso resistia? Nós, não. De mais não é só o ministro que tem de fazer figura de se apresentar com o aparato devido á sua posição social, á necessidade do seu prestigio: é tambem a familia, são tambem os srs. animalsinhos domesticos. Que se diria de um ministro cujo cão apparecesse na rua esfomeado e chagoso, cujo bichano viesse para junto do caixote do lixo do visinho disputar as espinhas de peixe com os gatos vadios? Passava o ministro e todos apontavam para ele, exclamando:

—E' ministro e deixa morrer os animals! a fome! que paiz este!

Que querem os senhores censores, com essa facilidade de censurar que todos temos quando não somos ministros? Que a numerosa familia de suas excelencias fosse fazer as suas compras, tratar dos seus negocios por essa cidade, de burro, por ser transporte democratico? Havia de ser bonito e haviam de ir longe as instituições, com os annos ao serviço de pessoas tão respeitaveis!

Falou no caso um deputado, por quê? Oral porque não é ministro nem tem dinheiro para andar de automovel! Olhem quem ele é: o sr. Costa Junior, que lhe deu agora para zelar pelos interesses publicos, como se se tratasse de

alguma despeza de grande importancia! Afinal de contas gastaram-se em 11 mezes com o automovel visado pela embriração do sr. Costa Junior, apenas 2:575\$23 centavos, que divididos por 6.000:000, que tantos são os habitantes de Portugal, não chega o quociente a meio centavo, a cinco réis dos antigos.

Aí está. O automovel para o sr. ex-



ministro da justiça e pessoas de sua amizade não chegou a custar ao sr. Costa Junior nem cinco réis.

Pois bem: nós somos mais generosos. Estamos prontos a dar dez réis para um camion a fim de que todo o ministerio e respetivas familias vão passear para onde quizerem, a qualquer hora. Tomáramos nós que toda a gente tivesse igual generosidade com-nosco, e nos pagasse o electrico, ao menos o excedente dos passes, quando a Companhia se dignar acabar com eles!

J. Neutral.

Tourada por estudantes

(Do nosso colaborador tauomaquico)

Decorreu com grande entusiasmo a corrida de touros realisada quinta feira passada na praça de Algés, por estudantes da faculdade de medicina de Lisboa.

O primeiro boi recebeu dois sinapismos á meia volta e um par de injeções hipodermicas magistraes, recolhendo á enfermaria a contento geral.

O segundo boi foi *malesso*, negando-se a tomar uma limonada de citrato de magnesia que o habil bandarilheiro a quem coube trata-lo, pretendia fazer-lhe ingerir.

No terceiro boi foi felicissimo o sr. dr. X., efetuando com a maior dextreza a operação da ovariectomia, sem ser necessario narcotisar o bicho, que se encontra, á hora em que escrevemos, em estado satisfatorio.

Ao quarto boi, que era vaca, quiz o *diestro* fazer a operação da prostatite, mas a doente esteve constantemente irrequieta, não permitindo o contacto com o órgão peccante.

O setimo boi, que era realmente touro, não pôde ser lidado porque, com a impressão da sorte que o esperava, teve um parto prematuro que exigiu os maiores cuidados, tendo de ser retirado em braços, pela fraqueza a que o reduziu uma abundante hemorragia.

Não assistimos ao resto da corrida, porque muito nos agoniou o triste precalço acontecido a este animal, que nunca devia ter saído de casa em tão melindroso estado.

Fado do Benefico

MOTE

*Não ha maior caridade:
Que a do Filipe da Mata;
Que excelente coração
N'esta terra da batata!*

GLOSAS

O diretor da Assistencia
E' um pombo, é um rolinho,
Não ha n'estes mais carinho
Do que tem sua excelencia.
E' a nossa Providencia,
Um modelo de bondade,
Um tesouro de piedade
Sem nenhuma restricções;
Nas celestes regiões
Não ha maior caridade.

Arrematou-a, é de vêr,
De modo que é vão intento
Sem o seu consentimento
Tentar a dita exercer.
Tem um imenso prazer
N'essa missão tão ingrata,
E, segundo se relata,
Em vão se procuraria
Mais alta filantropia
Que a do Filipe da Mata.



E' para ele a pobreza
Uma ventura sem par,
A alheia, devo notar
Com toda a minha franqueza,
Pois, felizmente, riqueza
Não falta a tal cidadão;
Quando vê alguem sem pão
Compara-se ao desgraçado
E sorri, de consolado!
Que excelente coração!

Afirmava não sei quem
Que não era mau officio
Praticar um beneficio
Sem dispendir um vintem.
E então? uns vivem do bem
Como outros vivem do mal;
A questão, o principal
E' de sorte, é de constancia,
Para se ter importancia
N'esta terra da batata.

Domingos Ferrabraz.

Harmonia

Continúa a campanha do *Imparcial* de Madrid, a favor da harmonia ibérica.

O diabo é que de vez em quando aparece a sua nota desafinada. Emfim, vamos lá a essa musicata—cantando que o bombo não seja fornecido por nós.

Está bem assim

EM FOCO



(Dr. Augusto de Castro)

Cronista-mór agora vos nomeio
Peios «Fantoques» que aqui tenho á vista,
Que são tresentas paginas de artista
Tão de atair que n'uma noite as leio.

Como diabo, amigo, n'este «meio»
Tão pouco acomodado ao fantasista
Podeis com personagens de revista
Produzir em nossa alma um doce enleio?

Milagre é esse que fazeis no emtanto
E que, se houvesse santos, acredito
Seria causa de que fósseis santo;

Assim, como o papado foi proscrito,
Como cronista-mór aqui vos canto,
Conforme mais acima fica dito.

BELMIRO.

grafos hespanhoes uma pelicula de exi-
to, intitulada *A honra da mulher*, cuja
protagonista é a atriz Imperio.

Parece-nos que não irá longe. E' pe-
licula que se estraga com muita facilidade.

Agora, sim

Agora é que é certo; agora é que o
jogo vai ser extinto totalmente entre
nós, porque, segundo dizem, appareceu
no Governo Civil, n'uma velha coleção
de codigos, uma lei que proíbe o jogo
em Portugal.

Rosnava-se ha muito que essa lei
existia, realmente. E n'essa desconfian-



ça chegou-se um dia—onde chega a
falta de respeito pelas regalias do cida-
dão!—a mandar fechar uma batota,
com quinze tostões na banca e tres par-
ceiros em roda.

Esta furia, porém, cesso, para vol-

tar agora, parece que com intenção de
eficacia, ao que se depreende do se-
guinte dialogo surprehendido n'um tele-
fone da cidade:

- Está lá?
—Estou. Quem fala?
—O guarda 21734. E' do club do
Rabo á sota que fala?
—Exatamente. Que deseja? Salta nas
de baixo? Vai á barriga do rei?
—Nada. Desejo avisar v. ex.^a de que
o jogo vai ser reprimido.
—Sim? a que horas?
—Aí pelas duas horas da madrugada.
—Bem. Então até á uma e tres quar-
tos...
—Pois já se sabe. Tenha v. ex.^a muito
boas noites.
—Então até logo. A's duas cá o es-
peramos e cá tem um logarsinho reser-
vado para a ceia.
—Muito *agradecido* a v. ex.^a.

Colocando meninos

A crise da abundancia de pessoas
amigas dos governantes é cada vez
mais assustadora, maior talvez do que
a crise da deficiencia de generos de
primeira necessidade.

A' resolução da segunda opõem-se
os submarinos, que bem podiam res-
olver a primeira, se exportassem os
ditos amigos. Mas dadas as nossas
más relações com os imperios cen-
trais, não tem o governo remedio se-
nào calar os amigos com outra me-
dida—por exemplo, mandando-os
para Paris redigir jornais catitas ou
fazer qualquer outra coisa, á nossa
custa.

Já aqui dissémos que são poucos os
ministerios atuais. Pois não se está a
sentir a necessidade de se criar o Mi-
nisterio dos Nichos dos Meninos Bo-
nitos?

- Está cá o sr. ministro?
—Quem devo anunciar?
—Um «menino bonito».
—Oh! queira entrar!
No gabinete:
—Preciso ir para Paris espaiarecer,
com alguns milhares de escudos por
mez.
—Pois não! E que sabe o amigo fa-
zer?
—Nada.
—Muito bem. Vai dirigir um jornal
de modas por conta do Estado.
—E quais serão as minhas obriga-
ções, sr. ministro?
—Divertir-se, meu amigo; divertir-se,
que esta vida são dois dias!

Anedota alheia

- O cão que lambe as mãos que lhe
bateram não vale nada comparando
com o que eu vi esta manhã no hotel
em que estou hospedado, disse o Ana-
tolio ao seu amigo Felisberto.
—Então que foi?
—Vi um criado engraxar umas bot-
tas com que lhe tinham dado na ves-
pera um pontapé!

Escreve-nos pessoa altamente colo-
cada—um ministro de Estado, nem mais
nem menos—a proposito de não se re-
alisarem as eleições municipais. Eis a
carta:

«Meu caro amigo.

«Dirijo-me ao *Seculo Comico* porque
ele é o órgão do jornalismo a que os
governos do paiz mais devem, pelas so-
vas que lhes applica quando a merecem.
Compreende-se que aos ministros falte
o tempo para a leitura dos extensos ar-
tigos de fundo com que as folhas sé-
rias os mimoseiam, de modo que re-
correm ao *Seculo Comico*, onde por
uma simples caricatura, por um *suelto*
de duas linhas, vêem immediatamente
que fizeram asneira e que tem de a
remediar.

«A isto responderá muita gente que
os ministros tem secretarios e que es-
tes poderiam ser os encarregados de
coligir o que a imprensa séria notasse;
sim, mas para que os secretarios esti-
vessem á altura de tal missão, seria
necessário que, pelo menos, soubessem
ler letra redonda, o que muito dificul-
taria a escolha d'esses funcionarios.

«Posto isto, dir-lhe-hei que não se
fazem eleições, porque a Camara Mu-
nicipal de Lisboa—o sr. Levy Marques



da Costa—é insubstituível. De mais,
sua ex.^a emprega tal esforço no sacrifi-
cio de se agarrar ao seu espinhoso lo-
gar, que seria crueldade despegá-lo,
podendo até, com o impulso cair al-
gum pedaço do Frontão, que convem
conservar intacto.

«Sem mais, porque tenho o automove-
l do Estado á porta e n'ele me espe-
ram minha mulher, meus filhos e cria-
da, para irmos fazer umas compras ás
lojas de modas.

Seu velho amigo e assinante

F. X.»

Teatrices

Formou-se em Lisboa uma liga de
empzarios teatraes cujo fim é esta-
belecer um limite aos salarios dos ar-
tistas.

Lá voltam todos para o Republica!

O nosso querido Eduardo Brazão
está repetindo os seus papeis de galã.
E' bom não exagerar, a ponto de al-
guma noite apparecer em cena de cuei-
ros, para nos convencer de que ainda
é menino, porque o publico pode to-
mar o caso a sério e dar-lhe algum
par de açoites.

Está sendo exhibida nos cinemato-

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

2.^a PARTE

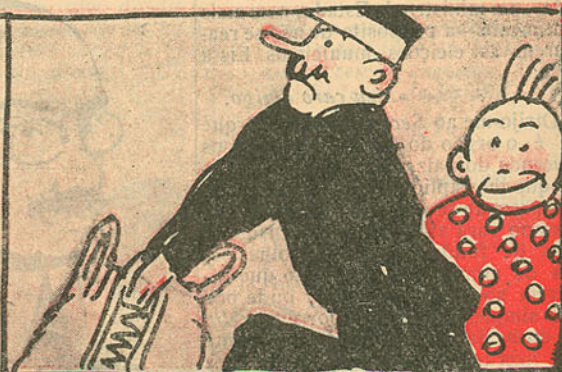
2.^o EPISODIO

A MALA INFERNAL OU O SUBTERRANEO DA MORTE

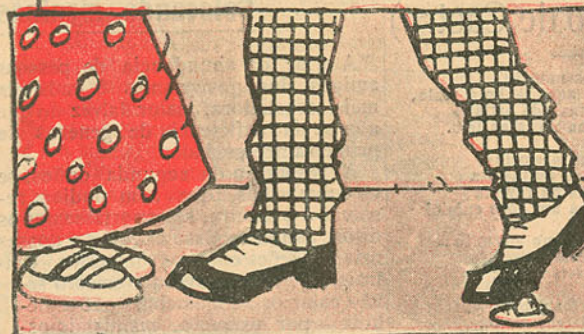
(CONTINUAÇÃO)



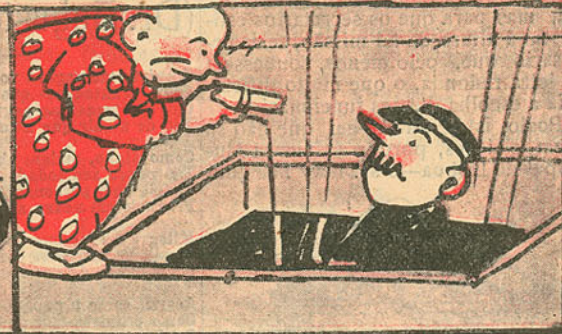
1.—O Quim e o Manecas inventaram uma certa mala dentada...



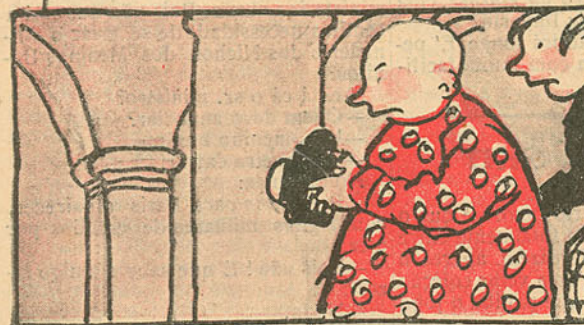
2.—e colocaram-n'a em sitio onde sab'iam que o Nartz de Folha tinha de passar. Este, cheio de curiosidade, abriu-a e logo a mola oculta lhe prendeu as criminosas mãos



3.—não tendo remedio senão seguir os dois manos, que o encaminharam para a casa onde julgavam que a quadrilha se reunia.



4.—De sala em sala, o Nartz de Folha tocou inadvertidamente em certa mola, no sobrado, e logo um alçapão se abriu, afundando o bandido.



5.—Continuaram o Manecas e o Quim as suas investigações, munidos de uma lanterna



6.—e foram dar a um subterraneo horrivelmente povoado de caveiras e outros artefactos osseos, prova de assombrosos crimes.



7.—Ao examinar outra sala, desceu sobre eles o teto, cheio de aguçados bicos de ferro, vendo-se os manos em affliva situação



9.—que não se prolongou, porque tocando o Quim n'outra mola logo um alçapão se escancarou e ambos se sumiram não sem que ao Manecas se tivessem posto os cabelos em pé!

(CONTINUA).